

Tipos e propriedades da atenção: subsídios teóricos para a organização do ensino

Tacyemy da Silva dos Santos Frade¹

Marta Sueli de Faria Sforni²

RESUMO

No meio educacional, é recorrente a queixa acerca da falta de atenção dos estudantes durante as aulas. Apesar de bastante requerida pelos docentes, a atenção é pouco conhecida em seu funcionamento. Tendo em vista a importância dessa função psíquica no processo de aprendizagem, este estudo, de natureza teórica, teve como objetivo reunir proposições da Teoria Histórico-Cultural acerca da atenção. Para isso, buscou-se aportes teóricos na produção de autores clássicos dessa vertente psicológica (Luria, 1979; Smirnov e Gonobolin, 1960; Petrovski, 1980 e Rubinstein, 1978), bem como de autores brasileiros que se dedicaram ao estudo dessa função psíquica. No artigo, são diferenciados os tipos de atenção (voluntária e involuntária) e destacadas as suas propriedades (tenacidade, intensidade, estabilidade, vigilância, distribuição e comutação). Conclui-se que o conhecimento acerca dos tipos e propriedades atencionais possibilita identificar situações de ensino que podem dificultar ou favorecer a atenção dos estudantes sobre o objeto de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Atenção; Teoria Histórico-Cultural; Ensino; Aprendizagem.

¹ Mestre em Educação. Secretaria Municipal de Educação de Apucarana, Apucarana, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2140-9561>. E-mail: tacyemy@outlook.com.

² Doutora em Educação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9614-2075>. E-mail: martasforni@uol.com.br.

Types and Properties of Attention: Theoretical Subsidies for the Organization of Teaching

ABSTRACT

In the educational environment, complaints about students' lack of attention during classes are recurrent. Although it is highly demanded by teachers, attention is not well known in its functioning. Given the importance of this psychological function in the learning process, this theoretical study aimed to gather propositions from the Historical-Cultural Theory regarding attention. For this purpose, theoretical contributions were sought from the works of classical authors in this psychological approach (Luria, 1979; Smirnov and Gonobolin, 1960; , Petrovski, 1980 and Rubinstein, 1978) as well as Brazilian authors dedicated to studying this psychological function. In the article, the types of attention are differentiated (voluntary or involuntary) and their properties are highlighted (tenacity, intensity, stability, surveillance, distribution and switching). It is concluded that the knowledge about the types of attention makes it possible to identify teaching situations that may hinder or favor students' attention to the object of study.

KEY-WORDS: Attention; Historical-Cultural Theory; Teaching; Learning.

Tipos y propiedades de la atención: subsidios teóricos para la organización de la enseñanza

RESUMEN

En el ámbito educativo, es usual la queja sobre la falta de atención de los estudiantes durante las clases. A pesar de ser muy requerida por los docentes, la atención es poco conocida en su funcionamiento. Teniendo en cuenta la importancia de esta función psíquica en el proceso de aprendizaje, este estudio, de naturaleza teórica, tuvo como objetivo reunir proposiciones de la Teoría Histórico-Cultural acerca de la atención. Para eso, se buscaron aportes teóricos en la producción de autores clásicos de esta vertiente psicológica (Luria, 1979; Smirnov y Gonobolin, 1960; , Petrovski, 1980 y Rubinstein, 1978), así como de autores brasileños que se dedicaron al estudio de esta función psíquica. En el artículo, se diferencian los tipos de atención (voluntaria e involuntaria) y destacadas sus propiedades (tenacidad, intensidad, estabilidad, vigilancia, distribución y conmutación).

Se concluye que el conocimiento acerca de los tipos y propiedades de atención posibilita identificar situaciones de enseñanza que pueden dificultar o favorecer la misma en los estudiantes sobre el objeto de estudio.

PALABRAS CLAVE: Atención; Teoría Histórico-Cultural; Enseñanza; Aprendizaje.

Introdução

“Prestem atenção no conteúdo do texto!”, “Vocês não prestaram atenção no enunciado do problema!”, “Não consegui prestar atenção no que o professor explicou...”, “Meu filho não aprende porque é muito desatento”, frases como essas são recorrentes no contexto escolar demonstrando que a vinculação entre atenção e aprendizagem é reconhecida por pais, professores e estudantes. Mas o que é a atenção? Por que nem sempre a controlamos?

A compreensão dos tipos de atenção, bem como de suas propriedades, tema deste artigo, nos ajudam a responder essas questões. Trata-se de um dos conteúdos tratados em uma pesquisa acadêmica que investigou a relação entre a organização do ensino e o desenvolvimento da atenção voluntária. O conhecimento acerca das propriedades e funcionamento da atenção constitui-se em elemento importante para a didática, pois, esse entendimento aponta caminhos para buscarmos ações de ensino que tornem a atenção uma aliada da aprendizagem de conteúdos curriculares e contribua para o seu desenvolvimento.

O presente estudo fundamentou-se na Teoria Histórico-Cultural e decorreu de pesquisa bibliográfica. Ao realizamos o estado da arte (incluiremos a referência após a avaliação), encontramos pesquisas atuais sobre a atenção, dentre elas, Leite (2015), Leite e Ferracioli (2019); Lucena (2016), Ferracioli (2018), Ferracioli; Trindade e Magalhães (2020), Graciliano (2019). Nelas, identificamos os principais autores citados pelos pesquisadores como fundamentos teóricos para o estudo da atenção, bem como das suas

propriedades, sendo eles: Ballone e Moura (2008), Luria (1979), Petrovski (1980), Rubinstein (1978), Smirnov e Gonobolin (1960).

Apesar de o estudo ter como foco a atenção, não a compreendemos como uma função isolada, pois a atividade consciente é interfuncional (Vigotski, 2004). Cada função psíquica - percepção, atenção, memória, imaginação, etc - tem sua especificidade, porém, nenhuma delas, isoladamente, se revela apta e suficiente à estruturação da consciência (Martins, 2013). Elas atuam em estreita sintonia entre si e qualquer alteração em uma função, afeta as demais (Palangana; Galuch; Goulart, 2006). Dessa forma, nossos esforços na compreensão da atenção de modo mais específico, não deixa de levar em consideração o entendimento do papel que ela desempenha, de modo interfuncional, no sistema psíquico.

Atenção: que função psíquica é essa?

Em sua obra *Curso de Psicologia Geral*, Luria (1979) expõe que o ser humano recebe um imenso número de estímulos, porém seleciona apenas aquilo que é fundamental para sua atividade consciente, ignorando os outros estímulos. Esse caráter seletivo da atividade consciente é identificado pelo autor como uma das funções da atenção.

A seleção da informação necessária, o asseguramento dos programas seletivos de ação e a manutenção de um controle permanente sobre elas são convencionalmente chamados de atenção. [...] Se não houvesse essa seletividade, a quantidade de informação não selecionada seria tão desorganizada e grande que nenhuma atividade se tornaria possível. Se não houvesse essa inibição de todas as associações que afloram descontroladamente seria inacessível o pensamento organizado, voltado para a solução dos problemas colocados diante do homem (Luria 1979, p. 1-2).

Para exemplificar o exposto por Luria, utilizaremos um exemplo que será retomado várias vezes durante este artigo. Numa rua movimentada pode haver

várias situações ocorrendo ao mesmo tempo: veículos em circulação, barulho de motores, som de buzinas, o soar de uma sirene, latidos de um cachorro, som de celular tocando, pessoas conversando, mudanças de cores do semáforo. Nesse ambiente, é comum haver faixas de pedestre no chão, desenhos e escrita nas placas, luzes, imagens em outdoors. Se não houvesse a atenção, agindo interfuncionalmente na seleção dos estímulos essenciais presentes nesse cenário, não seria possível realizar a simples ação de atravessar com segurança a rua.

Sobre esse caráter seletivo da atenção, Luria (1979) esclarece que em todos os tipos de atividade consciente ocorre a seleção de processos dominantes, que são os objetos da atenção do ser humano, bem como a estabelecimento de um “fundo” para aqueles processos secundários, retidos na consciência e que podem vir a se tornar dominantes e serem o foco da atenção, caso surja uma tarefa correspondente.

Sobre esse dinamismo “figura e fundo”, Smirnov e Gonobolin (1960) explicam que muitos objetos e fenômenos, passam inadvertidos ou percebidos vagamente pelo sujeito, pois “a atenção a alguns objetos é o reflexo seletivo deles, que implica dispensar simultaneamente todos os outros” (Smirnov; Gonobolin, 1960, p. 177). Certos estímulos emergem como dominantes na consciência (figura) e outros permanecem na consciência de forma secundária (fundo). Nesse sentido, “[...] a eleição da figura sobre o fundo corresponde à instituição do foco da atenção” (Martins, 2013, p.143).

Ou seja, atentar-se é, antes de tudo, instaurar a dinâmica figura/fundo, em que a atenção em íntima relação com o aparato sensório-perceptual, cria pontos de concentração sobre aqueles estímulos internos e/ou externos que são relevantes para a atividade em curso, ao mesmo tempo em que secundariza os demais (Ferracioli, 2018).

Para exemplificar esse dinamismo entre figura e fundo, retomaremos o exemplo anterior. Supondo que o sujeito está numa conversa prazerosa com um colega enquanto atravessa a rua movimentada, o objeto da consciência do sujeito é o conteúdo da sua conversa com o colega (figura) e todos os demais objetos e fenômenos são secundários (fundo). Porém, se acaso um carro freia

abruptamente diante de um animal que atravessa a rua, esse incidente será convertido imediatamente em foco da atenção do sujeito (figura) e o conteúdo da conversa será secundário (fundo).

Sobre o funcionamento da atenção, Luria (1979) explica que é possível definir pelo menos dois grupos de fatores determinantes para esse funcionamento que asseguram o caráter seletivo dos processos psíquicos e determinam tanto a orientação, como as propriedades atencionais. Esses dois grupos de fatores são: a *estrutura dos estímulos externos* (ou a *estrutura do campo exterior*) e a *atividade do próprio sujeito (campo interno)*.

Os fatores do primeiro grupo – os estímulos externos – determinam o sentido, o objeto e a estabilidade da atenção. Contudo, de acordo com Smirnov e Gonobolin (1960), para que um estímulo se faça objeto da atenção é necessário que ele tenha algumas particularidades que permitam destacá-lo dos demais estímulos. Sendo assim, fazem parte desse primeiro grupo a *intensidade do estímulo* e a *novidade do estímulo*. Sobre a primeira particularidade dos estímulos, Luria (1979) aponta que eles precisam ser intensos (a luz intensa, as cores brilhantes, os sons e os odores fortes), pois quanto mais intenso um estímulo, maior a excitação causada por ele, portanto, maior o reflexo orientado para esse estímulo.

Além disso, Smirnov e Gonobolin (1960) ressaltam que não importa apenas a força absoluta do estímulo, mas também a força relativa, ou seja, a relação entre a força dos estímulos que estão atuando simultaneamente sobre o sujeito. Isto porque, segundo os autores, um estímulo forte pode passar despercebido se atua ao fundo de outros estímulos também fortes. Por exemplo, mesmo o som de uma britadeira pode passar despercebido se ao mesmo tempo ocorrer o som da explosão de uma bomba.

Além da força dos estímulos, outra particularidade decisiva para determinar a atenção é a novidade dos objetos e fenômenos. De acordo com Smirnov e Gonobolin (1960), tudo aquilo que é comum e que se repete com frequência é inoperante para a atenção involuntária. O novo facilmente se faz objeto da atenção, mas ela se mantém, se esse objeto for compreendido e provocar

pensamentos sobre ele. Para isso, é necessário relacionar o novo estímulo com uma situação anterior, ou esse estímulo chamará a atenção por pouco tempo. É o que ocorre, por exemplo, quando um sujeito entra numa sala com iluminação fraca e sua atenção volta-se subitamente e, por pouco tempo, para a lâmpada que se acende de repente (Luria, 1979). Ou, como no exemplo apresentado anteriormente, a freada brusca do carro gerou no sujeito uma orientação involuntária para os aspectos externos desse fenômeno, justamente por ser algo diferente do que acontece cotidianamente (novidade do estímulo) ou pelo som alto causado por uma colisão de carros (intensidade do estímulo).

No segundo grupo, situam-se os fatores internos que não estão tão relacionados ao meio exterior, mas vinculam-se ao próprio sujeito e à estrutura de sua atividade: “A esse grupo de fatores pertence principalmente a influência exercida pelas necessidades, os interesses e os objetivos do sujeito sobre a sua percepção e o processo de sua atividade” (Luria, 1979 p. 4). O autor explica que esses fatores também movem a atenção dos demais animais. Por exemplo, a atenção de um cão é provocada pela necessidade do alimento, o cão reagirá ao barulho provocado pela abertura do saco de ração, mas ficará indiferente ao som de uma cadeira sendo arrastada. Então a necessidade é um fator que move a atenção do cão, ela está sempre ligada ao um fator vital e instintivo: alimentar-se, procriar, proteger-se.

Já nos seres humanos, além de esse ser também um fator interno que move sua atenção, essas necessidades, interesses e objetivos não se limitam a aspectos biológicos da existência, mas podem ser eminentemente sociais, formados ao longo da história humana, como por exemplo, o interesse pelo esporte, pela leitura, pela arte.

Tipos de atenção: voluntária e involuntária

Como toda função psíquica, a atenção tem suas formas elementares e superiores. As elementares estão presentes nos seres humanos e nos demais animais, enquanto as superiores são exclusivamente humanas. A atenção

como função psicológica elementar é a *atenção involuntária*, que nos é garantida pelo nosso aparato biológico, isto é, nascemos com a capacidade de manter atenção em algo.

Para facilitar a compreensão desse tema, pensemos nas necessidades dos animais. Segundo Luria (1979), eles possuem a capacidade de se atentar, mas são movidos por necessidades e interesses, reagindo a estímulos que têm valor biológico em si, ou seja, que envolvem sua sobrevivência ou da sua espécie. O autor exemplifica que o pato percebe os cheiros dos vegetais, enquanto o esmerilhão os cheiros de podre, assim como, o gato reage vivamente ao ruído do rato, sem dar atenção aos sons do folheamento de um livro.

Com isso, notamos que a atenção do animal está diretamente ligada e orientada pelos estímulos do ambiente que provocam uma reação no seu comportamento, não sendo controlada por ele. Por isso, essa atenção é denominada de involuntária e caracterizada, por Smirnov e Gonobolin (1960), como um reflexo de orientação motivado por trocas e oscilações com o meio exterior.

De acordo com Luria (1979), os bebês humanos dão indícios de atenção involuntária desde as primeiras semanas de vida. Os primeiros sintomas de manifestação do reflexo orientado são provocados por estímulos suficientemente fortes, o bebê fixa o olhar para os objetos de cores vibrantes ou interrompe a sucção quando escuta um ruído intenso (Luria, 1979). Inicialmente a atenção involuntária tem uma função adaptativa para os bebês. Segundo o autor, a criança de idade tenra e pré-escolar perde muito rapidamente o foco da atenção, justamente por essa função ser instável e possuir um volume atencional (quantidade de objetos que podem ser percebidos simultaneamente) relativamente pequeno.

A atenção involuntária é presa à situação presente, quando o estímulo atua de modo direto e imediato sobre o sujeito, não sendo voluntariamente controlada por ele. Esse tipo de atenção permanece durante toda a vida do ser humano, mesmo com o desenvolvimento da voluntária. Por exemplo, durante a leitura de um livro, o sujeito tem sua atenção voltada voluntariamente as ideias do escritor. Porém, se ouvir um ruído intenso, ele, imediatamente, volta-se para esse estímulo sonoro preponderante, mesmo que não seja essa

sua intenção. Sua reação é automática, pois esse estímulo atua de modo direto e imediato, sendo que o próprio comportamento não é controlado pelo sujeito.

Já a atenção que o leitor tem durante a leitura de um livro é a atenção em sua forma superior, denominada de atenção voluntária, inerente apenas aos seres humanos, pois ela é desenvolvida por meio da apropriação cultural, o que não ocorre nos demais animais. Esse tipo de atenção consiste na concentração arbitrária, quer dizer, “[...] consciente, dirigida e orientada, no qual o ser humano escolhe conscientemente um objeto sobre o qual está orientada sua atenção” (Rubinstein, 1978, p. 498). De acordo com Petrovski (1980), esse tipo de atenção é a manifestação da vontade humana. Em outras palavras, na atenção voluntária os objetos ou fenômenos que a orienta são eleitos pelo sujeito que atua ativamente sobre eles (Rubinstein, 1978). Já na atenção involuntária, a atuação do sujeito é sempre passiva, pois é dirigida por fatores independentes da sua vontade e controle (um ruído repentino, uma cor estridente, uma sensação de fome) (Rubinstein, 1978). De acordo com Smirnov e Gonobolin (1960), a atenção voluntária diferencia-se da involuntária por ser determinada por finalidades dirigidas de forma consciente.

Para exemplificar e comparar os tipos de atenção, utilizaremos como base um quadro elaborado por Mesquita e Pasqualini (2008), acrescentando elementos apresentados por outros autores, Smirnov e Gonobolin (1960), Luria (1991), Petrovski (1980) e Rubinstein (1978).

QUADRO 1: Tipos de atenção em suas formas elementar e superior

	Atenção Involuntária	Atenção Voluntária
<i>Gênese</i>	Natural	Cultural
<i>Estrutura</i>	Reação imediata	Reação mediada por signos
<i>Funcionamento</i>	Determinada pelos estímulos do ambiente	Controlada voluntariamente
<i>Propriedades</i>	Tenacidade, intensidade, estabilidade, vigilância e distribuição.	Tenacidade, intensidade, estabilidade, vigilância, distribuição e comutação, movidas por ações volitivas

Fonte: elaborado pelas autoras com base em Mesquita e Pasqualini (2008); Smirnov e Gonobolin (1960) e Luria (1991).

Como podemos observar, a gênese da atenção involuntária é natural, enquanto a gênese da atenção voluntária é cultural. Ou seja, a atenção voluntária não é inata, nem decorre do desenvolvimento evolutivo da atenção involuntária. De acordo com Mesquita e Pasqualini (2008), elas são essencialmente diferentes em tipo e não em grau de desenvolvimento. Isto é, a atenção voluntária não é a atenção involuntária mais desenvolvida, ela é o resultado da apropriação da cultura humana, portanto, garantida pelos processos educativos.

Como exposto no Quadro 1, a estrutura da atenção involuntária envolve a reação imediata e seu funcionamento é determinado pelos estímulos do ambiente. Já a estrutura da atenção voluntária conta com a reação mediada, essa mediação é feita pelos signos (diferentes linguagens) apropriados pelo sujeito, e seu funcionamento pode ser controlado voluntariamente. Dessa forma, na atenção voluntária, a relação com a realidade é intencional e mediada pelos signos, principalmente pelas palavras. A linguagem transforma a atenção dos seres humanos.

Por fim, o quadro apresenta as propriedades atencionais: tenacidade, intensidade, estabilidade, vigilância, distribuição e comutação – que serão discutidas mais detalhadamente a seguir.

As propriedades atencionais

A literatura sobre o processo funcional da atenção atribuiu a essa função psíquica diferentes características ou *propriedades*. De acordo com Petrovski (1980), a atenção é um processo multilateral. Ou seja, ela possui muitas características que possibilitam a realização das atividades cotidianas. Isso é fundamental, pois concordando com Ferracioli (2018), essa afirmação desmonta a ideia de senso comum, de que a atenção seja apenas a capacidade de focar em algo.

De acordo com o Ferracioli (2018), a literatura sobre as propriedades da atenção traz diferentes abordagens e terminologias que podem contar com distorções na tradução e criar uma certa confusão acerca desse assunto. Para

evidenciar diferenças e semelhanças nas terminologias, elaboramos o Quadro 2. Utilizamos diferentes cores para o registro das propriedades com a intenção de explicitar a semelhança entre elas nos diferentes autores. As propriedades da atenção que são apresentadas com a mesma cor, apesar da terminologia diferenciada, têm o mesmo significado.

QUADRO 2: Comparativo das propriedades da atenção

Autor	Ballone e Moura (2008)	Luria (1979)	Petrovski (1980)	Rubinstein (1978)	Smirnov e Gonobolin (1960)
Propriedades da atenção	Tenacidade		Concentração	Concentração	Concentração
	Vigilância	Estabilidade da atenção	Estabilidade	Constância ou fixação	Intensidade ou tensão
			Flutuação		Constância ou fixação
Amplitude	Distribuição da atenção	Distribuição	Distribuição	Distribuição	Distribuição
		Volume da atenção			
		Substituição da atenção	Comutação	Atitude para a mudança	Capacidade de mudar de um objeto para outro

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os autores Ballone e Moura (2008) intitulam as propriedades da atenção como: tenacidade, vigilância e amplitude. Luria (1979) distinguiu na atenção o seu volume, sua estabilidade, sua distribuição e a sua capacidade de substituição. Enquanto Petrovski (1980) atribuiu a atenção as propriedades de: concentração, estabilidade, flutuação, distribuição e comutação. Rubinstein (1978) caracterizou as propriedades atencionais de:

concentração, constância ou fixação, distribuição e atitude para a mudança. Por fim, os autores Smirnov e Gonobolin (1960) intitulam as propriedades da atenção como: concentração, intensidade ou tensão, constância ou fixação, distribuição e a capacidade de mudar de um objeto para outro.

Trataremos de cada uma dessas propriedades da atenção, estabelecendo relações entre as terminologias dos autores. Para o devido entendimento dessas propriedades atencionais, utilizaremos exemplos, contudo, ressaltamos que esses exemplos, em sua grande maioria, referem-se ao funcionamento dessas propriedades com caráter volitivo, ou seja, na atenção voluntária.

A propriedade atencional, intitulada por ***tenacidade ou concentração***, de acordo com Luria (1978), refere-se à capacidade de conservar dentro de uma atenção nítida, certos sinais ou associações, tornando-os dominantes. De acordo com o autor esses sinais recebidos ou associações que se conservam dominantes, são chamados de *volume da atenção*. Em outras palavras, a tenacidade é a ação propriamente dita de limitar um foco num determinado objeto ou fenômeno, conservando-o como dominante.

Para exemplificar essa propriedade da atenção, retomaremos o exemplo da rua movimentada. Dentre todos os sinais recebidos na travessia da rua, o conteúdo da conversa, por um certo período, mantém-se dominante, caso o conteúdo seja de interesse do ouvinte. Ou seja, movido por interesses volitivos, a fala do outro é o foco da atenção do indivíduo, apesar de todos os outros estímulos presentes na rua. Também podemos pensar em nossa situação, neste momento, como leitores deste artigo, inúmeros estímulos presentes no entorno podem ser recebidos por nós, porém, para o devido entendimento das ideias presentes no texto, faz-se necessário inibi-los e focalizar o conteúdo escrito.

De acordo com Smirnov e Gonobolin (1960), quanto mais reduzido o círculo de objetos ou fenômenos diante do sujeito, mais a atenção é concentrada. Por exemplo, se durante a leitura de um livro, temos a televisão ligada, pessoas próximas realizando outras ações ou recebimento de mensagens pelo celular, menos concentrada tende a ser a nossa atenção na leitura. Assim, diminuir o número de estímulos durante a realização de uma

tarefa, melhora a intensidade da atenção. Os autores afirmam que a **intensidade** está intimamente ligada à concentração ou tenacidade e se refere à força da atenção, isto é, o grau de direção para os objetos e fenômenos dominantes e a abstração simultânea dos estímulos.

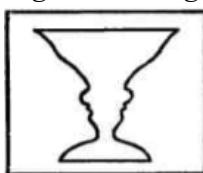
Para compreendermos como essa propriedade funciona, imaginemos a situação de duas pessoas que estão assistindo a um mesmo filme no cinema. Ambas as pessoas estão concentradas no filme, porém, uma delas tem uma atenção tão intensa que não perde o foco mesmo com movimento de outras pessoas entrando e saindo ou ruídos de pessoas se alimentando. Em resumo, a tenacidade/concentração e a intensidade possibilitam a capacidade de estabelecer um determinado foco atencional, até mesmo quando o ambiente é muito dispersivo.

Inversamente proporcional a tenacidade ou constância da atenção, os autores Petrovski (1980), Ballone e Moura (2008) intitulam respectivamente outra propriedade da atenção: **a flutuação ou vigilância**. Essa propriedade se refere à capacidade da atenção de desviar-se para um ou vários objetos, especialmente para estímulos do meio exterior (Ballone; Moura, 2008). Nas palavras de Petrovski (1980, p. 180) essa propriedade diz respeito a “[...] trocas involuntárias periódicas de curta duração do grau de intensidade (tensão) da atenção”.

Ela é suscitada pelo interesse momentâneo e instintivo por um estímulo do ambiente dentre muitos, por exemplo, o som do tic tac de um relógio, que num momento se torna perceptível e depois, é despercebido como se não existisse (Petrovski, 1980). Ou seja, a vigilância ou flutuação destaca um fato dentre muitos e, depois, a atenção para este fato instintivamente pode se tornar intencional, pela atenção voluntária. Retomemos ao exemplo das pessoas assistindo um filme. Agora, imaginemos que uma delas destaca momentaneamente, dentre muitos estímulos, um emblema utilizado no figurino de um ator, ela pode prosseguir com o filme sem perceber esse emblema como se ele não existisse, pois a intensidade foi de curta duração. Mas o emblema também pode passar a ser objeto de sua atenção voluntária.

De acordo com Petrovski (1980), essa propriedade manifesta-se também na percepção e exemplifica-se numa situação de observação de imagens ambíguas. Por exemplo, na imagem de duas faces que formam uma taça ou uma taça que forma duas faces. Nessa imagem, num momento percebemos a taça e inibimos as faces humanas, ora não vimos mais a taça e apenas observamos as faces humanas.

FIGURA 1: Figura ambígua- taça ou faces.



Fonte: Rubinstein (1978).

De acordo com Ballone e Moura (2008), as propriedades vigilância/flutuação da atenção e tenacidade/constância da atenção manifestam-se de forma antagônica, ou seja, quanto mais tenacidade sobre um determinado objeto, menos flutuação e vice-versa.

Os demais autores apontam outra propriedade que dialoga e mobiliza todas as outras propriedades atencionais, intitulada como **estabilidade ou constância**. De acordo com Luria (1979), essa propriedade refere-se à atenção no tempo, ou seja, o período em que os estímulos dominantes se conservam no centro da atenção. Essa propriedade consiste na duração em que os objetos ou fenômenos são mantidos como dominantes. Nas palavras de Petrovski (1980, p.179): “[...] se determina pela duração de conservação da atenção intensiva (concentrada)”. Seguindo o mesmo exemplo da rua movimentada, a estabilidade ou constância da atenção se refere a essa duração em que o conteúdo da conversa com o interlocutor permanece discriminado dos demais sinais.

Entretanto, a estabilidade/constância da atenção não é estática, ou seja, é possível trocar de ação e manter a intensidade da atenção (Petrovski, 1980). Por exemplo, durante uma conversa é possível trocar de assunto e manter conservada a concentração intensiva sobre o interlocutor.

Ou, no caso de um estudante que realiza diferentes ações para um mesmo fim, como por exemplo, ler um texto, discuti-lo com os colegas de sala, grifar as partes importantes ou acessórias, elaborar perguntas sobre esse texto e resumir as ideias centrais. Nesse caso, apesar de as ações serem diferentes a estabilidade/constância da atenção do estudante pode se manter prolongada, pois o que está mudando são as ações em concordância com as tarefas e não a atividade de compreensão do conteúdo do texto.

De acordo com Petrovski (1980), o grau de estabilidade da atenção aumenta com a complexidade do objeto da atenção. Todavia, a duração de uma concentração intensiva dependente de diversas condições, são elas: “[...] o caráter e conteúdo da atividade que se realiza, a atitude para o objeto da atenção e a força de interesse para o objeto (ou atividade)” (Petrovski, 1980, p. 179). Nesse excerto, fica evidente a influência que o conteúdo e o interesse pela atividade têm na duração da atenção.

Contudo, cabe ressaltar que não é fácil conservar a atenção por muito tempo numa atividade. De acordo com Rubinstein (1978), é necessário descobrir na atividade novos detalhes, incorporar diferentes problemas, executar diferentes ações. Nas palavras de Petrovski (1980, p. 180): “Uma das condições mais importantes para a atenção constante é a incorporação de novas tarefas parciais e intencionais de resolver dentro de uma mesma atividade”.

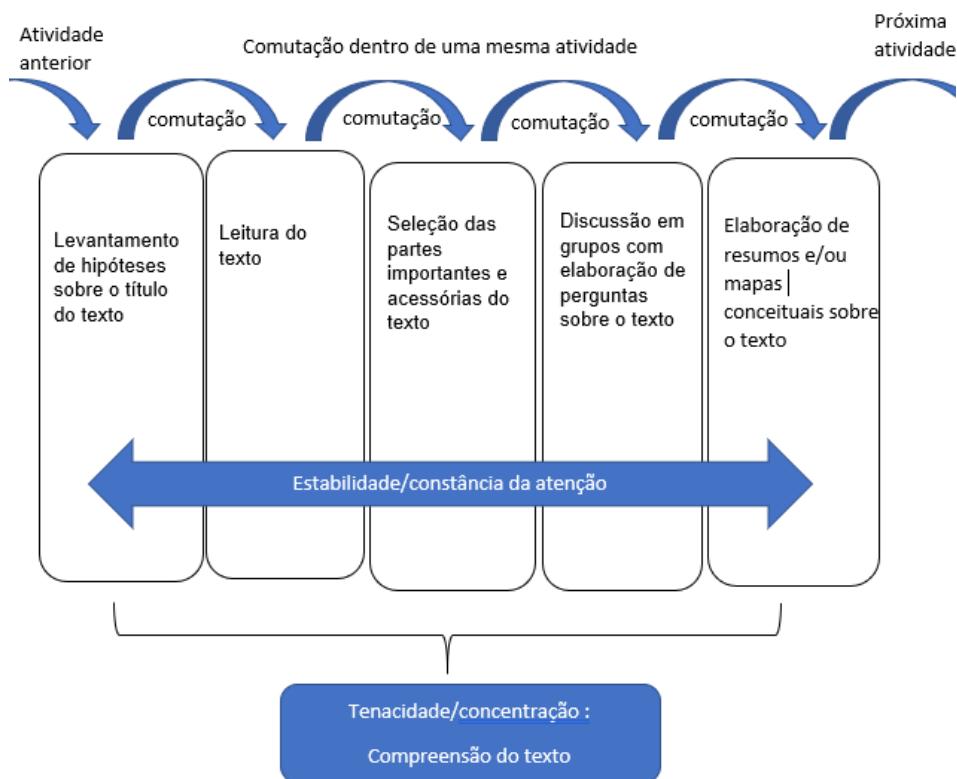
Essa estratégia de manutenção da atenção é inclusive utilizada pela maioria das narrativas filmicas, mesmo que se tenha um conflito maior a ser resolvido ao final do filme, ele tende a não ser suficiente para manter a atenção do espectador por todo o tempo, por essa razão, novos elementos e conflitos parciais, dentro do conflito geral, são apresentados ao longo da narrativa para que seja mantida a atenção constante do espectador.

Os autores estudados apontam outras duas propriedades da atenção intituladas de **comutação/substituição da atenção/ atitude para troca/ ou a troca de um objeto para outro** e a **distribuição**. Ambas as propriedades estão tão interligadas que a diferenciação delas não é tarefa fácil.

A capacidade de trocar rapidamente e conscientemente o foco da atenção de um objeto para o outro recebe diferentes denominações, optamos, assim como Petrovski (1980), denominá-la de **comutação**. Essa propriedade atencional manifesta-se no deslocamento rápido de uma atividade para outra (Rubinstein, 1978). Essa mudança rápida no foco da atenção está condicionada por uma nova tarefa consciente e deliberada (Petrovski, 1980). Por exemplo, parar de ver um vídeo e envolver-se na conversa com alguém que chegou repentinamente.

Segundo Petrovski (1980), a comutação da atenção também se manifesta dentro de uma mesma atividade. Como no exemplo relatado anteriormente, o estudante durante a atividade de compreender um texto, pode realizar muitas ações, mantendo entre elas a estabilidade ou constância da atenção. Isso se dá, porque os objetos e/ou as ações estão comutando conscientemente, o que permite, durante toda a atividade, a estabilidade prolongada da atenção. Na Figura 2, as flechas representam o deslocamento entre os focos da atenção de uma ação para outra na mesma atividade.

FIGURA 2: Comutação numa atividade de leitura.



Fonte: elaborado pelas autoras.

A Figura 2 exprime a ideia da comutação dentro do marco da estabilidade da atenção, visto que, o objetivo de cada ação com o texto está ligado com a atividade de compreendê-lo. Sendo essa atividade, parte do volume atencional, ou seja, objeto da tenacidade/concentração da atenção.

De acordo com Rubinstein (1978), a facilidade de comutação entre os diferentes focos de atenção varia conforme o indivíduo. Segundo o autor, algumas pessoas passam facilmente de um trabalho para outro, enquanto outras pessoas necessitam de um esforço maior para, inicialmente, atentar-se à nova atividade.

Além disso, o autor expõe que a facilidade ou dificuldade na troca de uma atividade para outra, depende a relação entre a atividade anterior e a precedente, bem como a relação do sujeito com ambas. Por exemplo, para o sujeito pode ser mais difícil trocar a atividade de assistir seu programa favorito, para a atividade de limpar a casa. Sendo mais fácil para ele permitir da atividade de limpar a casa, para a atividade de assistir seu programa favorito. No caso do exemplo anterior de compreensão do texto, para o estudante iniciar a atividade, necessita se desvincular da atividade anterior e para fazer essa transição com mais facilidade é importante que a nova atividade [compreensão do texto] seja mais interessante do que a atividade antecedente e proponha novos desafios.

De acordo com os autores, Petrovski (1980), Rubinstein (1978), Smirnov e Gonobolin (1960) não se pode confundir a comutação consciente da atenção com a distração. A distração é o contraposto da atenção, se refere a um estado de completa desorganização, no qual o sujeito não pode manter sua atenção prolongada sobre alguma coisa, pois durante todo o tempo se distrai com algo, passando constantemente de um objeto para outro (Smirnov; Gonobolin, 1960). De acordo com Rubinstein (1978) a distração também se refere a uma deficiente agilidade na troca dos focos atencionais. Ou seja, a distração não se restringe apenas à dificuldade de estabelecer um determinado foco, mas também se vincula à mudança inadequada entre os focos atencionais.

Segundo Smirnov e Gonobolin (1960), a distração altera a atividade que o sujeito estava realizando em virtude da incidência de estímulos, enquanto na comutação, ocorre a mudança de uma atividade para outra de forma consciente.

Além da agilidade de trocar os focos atencionais, há também a capacidade de se distribuir a atenção quando se realiza atividades simultâneas. Essa propriedade da atenção, intitulada pelos autores como ***distribuição***, permite à atenção se orientar para dois ou mais centros dos quais possa se concentrar (Rubinstein, 1978). Com isso, é possível executar simultaneamente várias ações e seguir diversos processos independentes entre si, sem perder nenhum deles do campo da atenção (Smirnov; Gonobolin, 1960).

De acordo com Petrovski (1980), diversas profissões exigem que o sujeito distribua sua atenção, ou seja, concentre-se simultaneamente em diferentes ações. Por exemplo, no motorista que se encontra transitando por uma estrada, sua atenção é distribuída entre os outros automóveis, as curvas da estrada e o próprio manejo do carro (Smirnov; Gonobolin, 1960). Também o professor, quanto explica um conteúdo, controla o movimento do seu pensamento e observa a conduta de seus estudantes (Rubinstein, 1978), distribui sua atenção entre essas e outras ações.

Sobre as condições necessárias para que seja possível a distribuição da atenção, Smirnov e Gonobolin (1960) apontam que é muito importante a relação entre as ações efetuadas simultaneamente, visto que, se essas ações não estiverem ligadas entre si, a execução delas torna-se mais difícil. Para Petrovski (1980), a principal condição para a distribuição da atenção, consiste em que cada uma das atividades desenvolvidas simultaneamente, sejam conhecidas pelo sujeito e que pelo menos uma delas, por certo grau de habituação, esteja automatizada. O autor aponta que quanto menos automatizada uma das ações, mais difícil se torna a distribuição da atenção.

Assim, por exemplo, um piloto inexperiente durante o pouso do avião não pode perceber simultaneamente a velocidade da aproximação à Terra, a distância a que está, a inclinação, etc.

Nesse caso, é evidente que ocorre uma rápida *comutação* da atenção de um elemento da situação para outro. Para um piloto especialista, em vez disso, todos esses elementos são fundidos em uma única situação e são percebidos simultaneamente, o que define o volume de atenção (Petrovski, 1980, p.184, grifos do autor).

Ou seja, a ação automatizada interfere na distribuição e comutação da atenção. No caso do exemplo sobre a interpretação do texto, pode-se inferir que quanto mais automatizadas as ações com o texto, mais definido será o volume atencional. Por exemplo, para escrever esse tópico foram realizadas, em geral, duas ações constantes, fazer a leitura nos materiais impressos sobre as propriedades atencionais e digitar no computador as ideias principais dos autores atreladas a nossa compreensão. A troca de foco [comutação] entre os objetos (computador e materiais impressos) e as ações internas (decodificar, compreender, interpretar e escrever) ocorreram de forma consciente. Porém, fez-se necessário que as operações que possibilitam a realização de tais ações estivessem automatizadas, isto é, se a linguagem escrita não estivesse totalmente dominada, bem como a operação de digitação no teclado, não estivesse automatizada seria difícil distribuir a atenção entre o conteúdo da bibliografia consultada e o registro deles com a finalidade de, posteriormente, escrever este artigo.

Segundo Petrovski (1980), na vida cotidiana e na atividade de trabalho das pessoas, as propriedades da atenção, como distribuição, volume e comutação estão indissoluvelmente ligadas entre si, penetram-se entre si e são aspectos do processo único da atenção. De acordo com autor, o volume atencional (quantidade de objetos que podem ser percebidos simultaneamente) e a distribuição (capacidade da atenção de se distribuir simultaneamente) estão intimamente ligados, “[...] os quais juntos podem ser catalogados como “*amplitude da atenção*” (Petrovski, 1980, p. 183, tradução nossa). Por esse motivo, a propriedade atencional amplitude está

representada no quadro com duas cores (azul e rosa), indicando que ela resulta da junção entre a distribuição e o volume.

Nessa mesma direção, Ballone e Moura (2008) caracterizam a amplitude da atenção como o número máximo de objetos que podem ser percebidos imediatamente. Sendo assim, essa propriedade (volume atencional + distribuição) refere-se à capacidade de estabelecer mais de dois focos atencionais. Porém, como ressalta Ferracioli (2018), não se trata de prestar a atenção a mais de uma coisa ao mesmo tempo, mas sim de ampliar o campo atencional a muitos focos necessários para a realização de determinada atividade.

Essas propriedades da atenção não funcionam de forma isolada e estagnada, apesar de terem suas especificidades, elas estão interligadas entre si. De acordo com Ferracioli (2018), em determinado momento, uma dessas propriedades predomina, porém elas estão em constante alternância e interpenetração em virtude do dinamismo e complexidade da própria atividade. Razão pela qual, na organização do ensino há que se levar em consideração além do conteúdo de ensino, os processos cognitivos do sujeito que aprende, de modo que as tarefas propostas não sejam um empecilho para a atenção voluntária, pelo contrário, a promovam.

Considerações finais

Compreender os tipos de atenção e suas propriedades nos leva a reconhecer a complexidade dessa função tão requerida pelos professores e tão necessária à aprendizagem.

Na atividade de estudo, não apenas a concentração deve estar presente, mas também as capacidades de manter a atenção constante em um certo período de tempo (estabilidade), de distribui-la em diversas tarefas que se fazem presentes na rotina escolar (distribuição), de mudar a atenção de um objeto para outro (comutação) sem que ocorra distrações. Todas essas propriedades são próprias da atenção voluntária. Todavia, ela não está totalmente desenvolvida quando as crianças iniciam a vida escolar. É

justamente no processo de escolarização que, pelas exigências da aprendizagem sistematizada, a atenção ganha essa nova qualidade.

A aprendizagem de conteúdos sistematizados requer do estudante a atenção dirigida ao sistema de conceitos, o que exige do aprendiz o controle de outros estímulos presentes no mesmo tempo e espaço em que esses conteúdos são apresentados.

O modo como o objeto de conhecimento é apresentado aos estudantes pode facilitar a atenção voluntária ou dificultá-la (Sforni, 2019). Se a *concentração* da atenção é determinada pela seleção de um círculo limitado de objetos a que o sujeito se dirige, o fato de não ficar claro ao estudante qual é o objeto da aprendizagem, pelo conteúdo estar disperso em meio à vários estímulos, menor a concentração da atenção do estudante. Se a *intensidade* e a *concentração* da atenção estão ligadas entre si, quanto maior o número de objetos que abarca a atenção, mais difícil é alcançar a intensidade. Portanto, é melhor que no ensino fique claro qual é o objeto da aprendizagem e ele não fique disperso em meio à vários estímulos, como pode ocorrer com materiais didáticos que apresentam excesso de informações e imagens ou na realização de projetos cujas várias ações realizadas, apesar de atrativas, podem deixar em segundo plano o próprio conteúdo conceitual.

É imprescindível a direção por parte do professor, que por meio da palavra, sinaliza e destaca o estímulo principal em meio aos demais. Dessa forma, a exposição do professor, seja via oral ou escrita, orienta a atenção do estudante, de modo que, dentre os vários estímulos captados pela percepção, sejam selecionados aqueles que são essenciais à compreensão do conceito em pauta, isto é, a linguagem do professor permite que o estudante foque sua atenção no que é essencial dentre todo o campo perceptivo.

Todavia, assim como a intensidade e concentração são importantes, a capacidade de distribuí-la, ou seja, ter atenção dirigida para mais de um objeto ao mesmo tempo, é necessária. No caso do estudo, ao mesmo tempo que o estudante ouve o professor explicando um conteúdo, também pode anotar conceitos importantes como apoio à memória. Assim, sua atenção se distribui

entre a compreensão da exposição docente e o que registra em seu caderno. Essa distribuição da atenção é possível se uma das ações já é dominada pelo estudante, no caso, se a escrita é de seu domínio e o novo é apenas o conteúdo apresentado pelo professor.

É possível realizar com qualidade várias ações ao mesmo tempo quando parte delas já está automatizada e não exige atenção deliberada na sua realização, no entanto, quando duas ou mais exigem tal consciência, a tendência é a de que a atenção se volte apenas para uma delas ou que ocorra a dispersão de um modo geral. Portanto, conhecer o que os estudantes já dominam e aquilo que ainda não conseguem realizar com desenvoltura é um elemento importante a ser levado em consideração pelo professor ao organizar o ensino.

Sobre a *constância* da atenção, ou seja, a fixação prolongada sobre algo, também fundamental no processo de aprendizagem, os estudos realizados nos levam a perceber que é esperado que a constância não seja assegurada na realização de uma mesma ação por longo tempo, ou na repetição da ação, e que para manter a constância é necessário justamente mudar as ações, mas mantendo o mesmo objeto de estudo, de modo que há a prevalência do foco nesse objeto. Isso significa que ao organizar o ensino é importante prever tarefas diversificadas contemplando o mesmo conteúdo.

Também vimos que a comutação, ou seja, a troca dos focos atencionais é uma capacidade necessária ao estudante. A rotina escolar exige várias mudanças de objetos de aprendizagem ao longo de um turno de aulas, o que requer mudanças de foco por parte dos estudantes. Mudar e manter o foco no objeto de aprendizagem sem que ocorra a distração implica alto domínio da atenção. Razão pela qual, é de se questionar a pertinência de horários tão fragmentados para cada componente curricular como se observa mesmo em anos iniciais da escolarização.

A compreensão de que a duração de uma concentração intensiva depende do conteúdo da atividade e da força do interesse do sujeito pelo objeto da aprendizagem, reforçam a importância de, na organização do ensino, procurarmos “dar vida” ao conteúdo, colocando o estudante em atividade

cognitiva com os conceitos ensinados, de modo a gerar nele o interesse pelo conhecimento em pauta, como um meio para se manter a sua concentração.

Enfim, os estudos sobre a atenção abrem um leque de reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem, envolvendo a qualidade dos materiais didáticos, as tarefas propostas para os estudantes e a importância da direção por parte do professor. O que ocorre no interior da sala de aula, porém, não se limita a esses aspectos e envolve a estrutura e funcionamento da escola, como, a sua arquitetura, a rotina da instituição, os horários estabelecidos para os diversos componentes curriculares, para o recreio e para outros eventos que ocorrem nesse espaço. A análise da relação entre esses aspectos e a condição para o desenvolvimento da atenção voluntária dos estudantes pode resultar na identificação de elementos importantes para se pensar o trabalho pedagógico, oferecendo subsídios, inclusive para a gestão escolar.

Referências

- BALLONE, G. J.; MOURA, E. C. *Curso de psicopatologia: atenção e memória*, 2008. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=201>. Acesso em: 02 jan. 2019.
- FERRACIOLI, M. U. *Desenvolvimento da atenção voluntária em crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental: determinantes pedagógicos para a educação escolar*. 2018. 233f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2018.
- FERRACIOLI, M. U.; TRINDADE, R. G.; MAGALHÃES, G. M. O estudo concreto da atenção e seu desenvolvimento em contexto escolar: aspectos metodológicos. *Interação em Psicologia, Curitiba*, v. 24, n. 3, p.364-374, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5380/riep.v24i3.72815>.
- GRACILIANO, E. C.. *Possibilidades de desenvolvimento da atenção voluntária com crianças de 5 anos*. 2019. 143f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- LEITE, H. A.; FERRACIOLI, M. U. A constituição da atenção voluntária no interior do processo de periodização do desenvolvimento humano. *Revista Obutchénie*. Uberlândia, v. 3, n. 3., p. 1-23, set/dez 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/OBv3n3.a2019-51699>.

LEITE, H. A. *A atenção na constituição do desenvolvimento humano: contribuições da psicologia histórico-cultural*. 2015. 200 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LUCENA, J. E. E. *O desenvolvimento da atenção voluntária na educação infantil: contribuições da psicologia histórico cultural para processos educativos e práticas pedagógicas*. 2016. 133 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

LURIA, A. R. Atenção. In: LURIA, A. R.. *Curso de psicologia geral*. Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 1-38.

LURIA, A. R. Palavra e conceito. In: LURIA, A. R. *Curso de psicologia geral*. Vol. IV. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991., p. 17-51.

MARTINS, L. M. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas: Autores Associados, 2013.

MESQUITA, A. M.; PASQUALINI, J. C. *Desenvolvimento infantil: uma introdução à escola de Vigotski e suas implicações para o ensino na educação infantil*. 2008. Mimeo.

PALANGANA, I. C. ; GALUCH, M. T. B. ; GOULART, Áurea Maria Paes Leme . Desenvolvimento e educação dos sentimentos na atualidade. *Intermeio*. Santa Maria, v. 12, p. 23-51, 2006.

PETROVSKI, A. La atención. In: PETROVSKI, A. *Psicología General*. Moscou: Editorial Progreso, 1980. p. 170-188.

RUBINSTEIN, J. L. La atención. In: RUBINSTEIN, J. L. *Principios de psicología general*. México: Grijalbo, 1978. p. 491-507.

SFORNI, M. S. F. Dispersão da atenção: um problema apenas da criança? Reflexões sobre a organização do ensino. In: Silvana Tuleski; Adriana de Fátima Franco. (Org.). *O lado sombrio da medicalização da infância: possibilidades de enfrentamento*. 1ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2019, v. 1, p. 235-262.

SMIRNOV, A. A.; GONOBOLIN, F. N. La atención. In: SMIRNOV, A. A.; LEONTIEV, A. N.; RUBINSTEIN, S. L.; TIEPLOV, B. M. (Org.). *Psicología*. México: Grijalbo, 1960. p. 177-200.

VIGOTSKI, L. S. A psicologia e a teoria da localização das funções psíquicas. In: *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 191-200.

Recebido em dezembro de 2024.

Aprovado em julho de 2025.